

Paulo Renato Viegas Damé
Professor do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL. Doutor em Processos Artísticos Contemporâneos do Centro de Arte/CEART da Universidade Estadual de Santa Catarina/UESC.
paulodame@gmail.com

Aprendizes de passarinho: uma experiência de arte no/do/com o campo

Angélica de Sousa Marques
Mestranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL.
angelica.smarques@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2191-2140>

A little bird's Apprentices: An art experience with/of/in the field

Resumo: Esse texto é resultado de uma construção coletiva e tem como objetivo refletir sobre a educação e as relações possíveis nas condições vividas em tempo de pandemia - de confinamento, como forma de resistir, no entorno do dispositivo artístico Casa Redonda. Problematicamos a relação com o meio, a Casa na fase do habitar, dos trabalhos e estudos de maneira remota, a educação das crianças e as relações sociais e sociológicas, ressignificando a função da arte ao enfrentamento da crise.

Palavras-chave: Arte. Educação. Sustentabilidade. Infância. Pandemia.

Abstract: *This paper is a result of collective collaboration and has, as its objective, critical reflection about education and the living conditions experienced during the pandemic and its ensuing confinement, seen as a form of resistance, as we consider the artistic dispositif Casa Redonda [Round House]. Issues are raised about relationships with/to the environment, such as the House in a situation of dwelling, as a work place for remote access studies, educating children at home and social and sociological relationships, which re-signify the function of art in the face of crisis.*

Keywords: Art. Education. Sustainability. Childhood. Pandemic.

Fábio Machado Pinto
Professor Doutor do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Doutor em Ciências da Educação pela Université Paris VIII, Saint Denis, França.
fabiobage@yahoo.com
<https://orcid.org/0000-0002-9480-4493>

Gabriela de Moraes Damé
Doutoranda em Ciências da Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação/PPGE da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.
gabrielamdame@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9326-638X>

Introducción

Esse texto resulta da nossa participação no *Seminário Internacional de Ensino da Arte - IV SIEA: Arte e Meio Ambiente* da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, que nos permitiu refletir e compartilhar aspectos da nossa atuação no campo da arte, educação e vida, buscando aproximações e tecimentos, tanto em processos de pesquisa, quanto em trabalhos pedagógicos ou artísticos, no âmbito da educação urbana e rural, formal e não formal.

Destacamos que esse texto se escreve no plural porque é resultado de uma construção coletiva, de reflexões sobre relações que procuram se efetivar sociologicamente como um tecido necessário, forte o suficiente para enfrentar o tempo presente e suas agruras. Isso que nos permite retomar e dar continuidade ao projeto de formação doutoral que resultou na tese intitulada Casa Redonda¹, proposição artística/pedagógica realizada por Paulo Renato Viegas Damé e que abre outras possibilidades de (r)existência - resistir e existir - nesse momento de crise generalizada, potencializada pela Pandemia Covid19. Trata-se de um elo perdido que pode abrir caminhos improváveis para uma educação dos sentidos, dos afetos, dos saberes tão necessários e desejados para aqueles que ainda tem “a esperança como concepção de futuro” (SARTRE, 1992)². Nesse momento de isolamento social, na Casa Redonda, nossa dinâmica precisou ser redimensionada, contraindo-se e se fechando dentro do possível em torno da família. Com a chegada da filha Gabriela, do genro Fábio e dos três netos: Noé, Yta e Tiê - 7, 5 e 4 anos, que vieram habitar a Casa com Angélica e Renato, novas possibilidades do viver em grupo, de aprender e se divertir, de se autoeducar e de suprir as

[1] Como ilustração, sugerimos o vídeo CASA REDONDA para contextualizar a tese referida anteriormente: <<https://youtu.be/c5FxWmPaEpQ>>.

[2] O presente texto se inspira também no projeto de pesquisa “Existencialismo e sociologia crítica da educação: contribuições dos estudos (auto)biográficos à pesquisa educacional. Coordenado pelo professor doutor Fábio Machado Pinto, departamento de Metodologia de Ensino / CED / UFSC, 2019 – 2022

condições de vida para a manutenção do cotidiano, precisaram ser colocadas em prática, adaptadas, exercitadas, vividas. No caso das crianças, como a maioria nessa faixa etária, o uso dos dispositivos tecnológicos ocupa parte significativa do seu tempo. Estamos imersos nas tecnologias, ainda mais quando o isolamento nos reduz o campo de possibilidades. É claro que nos perguntamos pelas consequências desse uso - seria esse um hábito saudável? Mas, o que fazer para ocupar o tempo das crianças e dar conta do cotidiano que nos exige inúmeras tarefas como trabalhar remotamente, cuidar da casa e do entorno da casa: fazer comida, limpar, cuidar da horta, galinhas, campo, entre outras atividades cotidianas, mas também cuidar e educar as crianças, visto que a sua escolarização também se reduziu a uma versão remota.

Na tentativa de esclarecer essa dúvida, apelamos a António Nóvoa (2018), que cita Michel Serres, ao identificar três revoluções na história da humanidade: "A primeira foi a invenção da escrita, 5000 anos atrás; a segunda foi a invenção do livro impresso, e lá se vão 500 anos; a terceira é a revolução digital, que estamos vivendo hoje. Nóvoa (2018) diz ainda que se aprende de maneira diferente em cada época. Sem dúvida nossas crianças são antropologicamente marcadas por esse momento histórico e com ele precisam estabelecer uma relação, mediados pelos adultos e artefatos disponibilizados por esses. Em conferência na UFSC em 2018, Nóvoa salienta a importância de criar um novo ambiente educativo. Apesar do caos e da crise instalada, a pandemia nos obriga a buscar mudanças já necessárias antes mesmo que de sua instalação em nosso cotidiano. Essa crise nos permitiu perceber de forma mais nítida que o caminho escolhido pela humanidade não tem nos levado

para uma vida plena, acompanhada, coletiva, realizadora de nossos projetos e desejos, que as pessoas encontram-se solitárias e desamparadas, enquanto o planeta agoniza pela ação predatória de nossos governantes e sociedades (KRENAK, 2020a). Os desejos criados pela sociedade de consumo e a indústria da cultura têm reduzido o potencial das relações sociais, do tecimento familiar e da solidariedade entre grupos. Bem pelo contrário, um apelo cada vez maior ao individualismo, a competição e a apologia ao acúmulo de capital e ostentação de bens cada vez mais esvaziados do sentido humanitário, afetivo (ADORNO, 1986). Uma outra educação é necessária, a fim de compreender a crise vivida, superá-la, ultrapassá-la, transcendê-la.

Nesse sentido, habitar a casa de forma tão intensa e buscando estreitar nossas relações por meio do convívio com diálogo permanente, com escuta e respeito, com divisão de tarefas e valorização dos saberes de cada um, da construção de novas possibilidades de habitar e existir em grupo, têm contribuído para que possamos compreender nossas biografias, formação e limites, abrindo possibilidades para nos reinventar individual e coletivamente.

No caso das nossas crianças - nesse caso são três - entre tantas tarefas cotidianas como trocar de roupa, se alimentar, assistir aulas da escola, fazer a higiene, fazer dormir, se divertir, entre outras, tratamos de pensar formas de educar e refletir sobre a educação em casa - Casa Redonda - em tempo de pandemia - de confinamento. O brincar e o brinquedo assumem centralidade na infância como atividade principal das crianças, isso que despertou em nosso coletivo uma atenção especial para os tempos, lugares e dispositivos criados para elas ou até

mesmo aqueles que elas vão descobrindo e recriando como possibilidades para o brincar ou como brinquedo.

Depois de quatro meses, são muitos os brinquedos e brincades experimentados na Casa Redonda pelas crianças: o monte de terra, o açude e o ladrão, o galinheiro e as galinhas, os ninhos, as árvores caídas (Figura 1) ou de pé, o Graxaim Graxa, os biscoitos da Bisa, as pinturas e os desenhos, o celular e o *Minecraft*, os *Legos*, a caixa de brinquedos, o balanço, a argila e a cerâmica, os cavalos, os piqueniques, o campo e os passarinhos, entre outros. Todos dentro ou no entorno da Casa Redonda, criados para, por ou com elas em um processo permanente de brincar a casa, com os adultos, de forma intergeracional, aprendendo formas de viver e produzir a sua própria existência.



Figura 1: Brincando na árvore caída. Foto: Angélica Marques.

Pensando em alguns títulos para essa fala/texto, acabamos recuperando uma experiência importante, que foi a exposição realizada por Damé (2007), no Centro Cultural Badesc em Florianópolis/Santa Catarina, provocada pelo choque causado pela tradição dos moradores daquela cidade, de criar e passear com pássaros engaiolados. Sobre pássaros e homens, Bachelard (1989, p. 107) explica que: “[...] homem, é o ser em que os pássaros perderam a confiança”. Consideramos que a ignorância, insegurança e insensibilidade diante do outro humano e não humano pode ter sido um dos motivos dessa tentativa de dominação, por conseguinte de afastamento entre homens/mulheres e natureza.

A exposição consistia na instalação de treze objetos nas paredes da galeria, espécie de arquitetura baseada em gaiolas de passarinho, desprovidas da função de enjaular pássaros ou qualquer outro ser vivo. Em uma segunda sala, eram projetadas imagens do processo de feitura das gaiolas, onde as imagens foram sobrepostas digitalmente, no primeiro plano, por uma grade de gaiola, como que simulando o ponto de vista de um passarinho que assistia ao processo de dentro da gaiola (Figura 2), nesse caso, o espectador da exposição estava no lugar do passarinho. Ou, ainda, poderia se entender de maneira inversa, como se tudo que acontecia estava dentro da gaiola e o observador estaria fora.



Figura 2: Imagem projetada na exposição aprendiz de passarinho, Fundação Cultural BADESC, Florianópolis. Foto: Gabriela Damé.

A proposição era desdobrada ao longo da mostra, contando com a interação do público assistidos por mediadores do espaço, convidando-os a desmancharem as gaiolas e com as varetas - e demais materiais disponibilizados, papel colorido, cordão, cola e tesouras – e assim construir pipas. Houve, no encerramento da exposição, com a galeria vazia, somente a projeção de um vídeo³ que apresentava o público desfazendo as gaiolas e um grupo de crianças da comunidade do Poço/ Florianópolis, juntamente com o autor, soltando as pipas que haviam construído no espaço expositivo.

Retomamos o título e o tema da exposição porque, primeiramente, nos encontramos “engaiolados” pela necessidade de nos manter

vivos e garantir que o próximo também sobreviva. Por outro lado, acreditamos em atualizar a ideia de aprendermos com os pássaros, com as abelhas e com o outro, sobre o trabalho coletivo, como o outro e, portanto, na “reciprocidade”, mas também sobre o fazer juntos respeitando o que cada um pode oferecer ao grupo, na sua singularidade, em “alteridade”. O “sociológico” que pensamos ser possível construir em grupos como o nosso se inscreve nesse duplo movimento de “reciprocidade na alteridade” (SARTRE, 1960). Há, ainda, a necessidade de cultivar um profundo conhecimento e respeito ao meio ambiente, como também de recuperar antigas estratégias de buscar alimentos e uma vida/existência saudável para todos neste planeta. Lucy Lippard (2014, p. 190) cita Aldo Leopoldo que escreveu: “Nós abusamos da terra porque olhamos para ela como uma mercadoria que nos pertence. Quando olharmos para a terra como uma comunidade na qual nós pertencemos, aí poderemos usá-la com amor e respeito”. Lippard conclui que, em favor da terra e todas as coisas vivendo nela, novas guerras de imagens devem ser travadas. E, por isso, no contexto da Casa Redonda, buscamos aprender formas antigas e novas de se relacionar - adultos e crianças - com a terra/território onde habitamos, criando também com ela um vínculo mais forte, de conhecimento e respeito, compreendendo seus limites e o que ela pode oferecer na direção de uma *vida autossustentável* e realizadora de nossos *projetos e desejos de ser* (SARTRE, 1961).

A segunda parte do título foi ampliada no momento de elaborar a fala e acrescentamos “uma experiência de arte no/do/com o campo”, pois assumimos como necessário, um certo afastamento da vida urbana e um “retorno ao interior” não apenas para sobreviver como também nos fortalecer nesse duplo sentido, tanto da nossa subjetividade quanto da objetividade de nossas relações com o

[3] O vídeo Aprendiz de Passarinho está disponível em: <<https://youtu.be/IJ2AU2Elnes>>.

território de origem.

Essa experiência ocorre **“no” campo**, porque o relato que fizemos se dá nesse movimento de retorno ao campo, de um grupo de pessoas já acostumadas com a vida urbana e que se encontram deslocadas nesse dispositivo onde se dão os acontecimentos e as experiências. Não são nativos do campo, ainda que alguns mais que outros mantenham fortes vínculos com o ambiente onde nasceram e/ou foram criados, mas todos têm algum vínculo por conta de suas origens familiares e ancestrais.

Ela consiste também em um relato de experiência **“do” campo**, pois esse é o palco/dispositivo onde tudo acontece, mas considerando também a natureza prática das atividades do campo, dos afazeres domésticos, atividades rurais de campanha e lavoura. Isso exige acessar saberes de quem vive no e do campo e, para a maioria, isso gera um deslizamento na realidade e a possibilidade de experiência.

Trata-se, por fim, de uma experiência estética **“com” o campo**, porque é tida na fricção com essa realidade. Ao nos tecer, nesse contexto, vamos nos reinventando e incorporando a experiência de forma a torná-la parte de nossas personalidades, constituinte do grupo que vai se formando a partir dessas *práxis individuais* (SARTRE, 1961). Buscando resistir, como escreve o músico Dion Workman no texto *Uma introdução ao pensar como uma floresta*: “Com a educação fomos subjugados psicologicamente; com a tecnologia, nossos sentidos foram anestesiados, e a especialização nos despiu de nossas habilidades de sobrevivência mais básicas” (WORKMAN, 2018, [s.p].).

Vivemos uma crise e com ela as incertezas, angústias, medos, mas também as possibilidades de transcendência do terrível momento em que vivemos. Por isso, não destacamos apenas aspectos

negativos da crise, mas o que ela nos mobiliza e nos tira da zona de conforto, exigindo respostas. Isso nos faz lembrar as palavras do poeta curitibano Paulo Leminski: “Nunca sei ao certo se sou um menino de dúvidas ou um homem de fé, certezas o vento leva só as dúvidas continuam de pé” (VAZ, 2001, p. 50). Essas dúvidas motivadas e ampliadas pela crise da pandemia e pela gestão que foi feita da mesma pelos governos municipais, estaduais e federais, nos lembram da atitude do nosso querido Mário Quintana em seu poeminha do contra: “eles passarão, eu passarinho” (QUINTANA, 2012, p. 108). Não que isso não nos afete ou importe, pelo contrário, mas que é preciso pensar em nossa responsabilidade diante de tudo isso e compreender o tempo presente para fazer algo apesar disso tudo que fizeram da gente (SARTRE, 1992) - na esperança de superar a crise gerada, onde ganha destaque um problema maior e mais urgente que afeta a vida humana que é a crise ambiental. A destruição do meio ambiente que se intensifica e é acelerada por oportunistas que se utilizam da pandemia para colocar em ação um projeto movido pelo capital mundial integrado, agora atualizado no capitalismo digital, de ambição e ganância em uma velocidade sem precedentes. Aqui nos inspiramos nas palavras escritas por Ítalo Calvino (1990), em *Cidades Invisíveis*, quando no diálogo entre o Grande Imperador Kublai Khan questiona a veracidade dos relatos do seu embaixador preferido, o veneziano Marco Polo.

Khan diz:

As suas cidades não existem. Talvez nunca tenham existido. Certamente não existirão nunca mais. Porque enganar-se com essas fábulas consolatórias? Sei perfeitamente que o meu império apodrece como um cadáver no pântano, que contagia tanto os corvos que o bicam quanto os bambus que crescem adubados por seu corpo em decomposição. Porque você não me fala disso? Porque mentir para o imperador dos tártaros, estrangeiro? (p. 57).

Marco Polo responde:

Sim, o império está doente e, o que é pior, procura habituar-se às suas doenças. O propósito das minhas explorações é o seguinte: perscrutando os vestígios de felicidade que ainda se entreveem, posso medir o grau de penúria. Para descobrir quanta escuridão existe em torno, é preciso concentrar o olhar nas luzes fracas e distantes. (p. 57).

Acostumamo-nos com o que não era para se acostumar. E nossa opção aqui é concentrar o olhar nas luzes, mesmo que fracas e distantes, para vislumbrar outros mundos ou outras formas de habitar melhor esse mundo e viver juntos. Na busca de outras formas de habitar o mundo, é que se materializou proposição Casa Redonda⁴, uma prática em arte relacional complexa, que foi programada como um dispositivo relacional, com o objetivo de gerar encontros entre pessoas e suas relações de troca de saberes e afetos. Nela, as pessoas colaboram na construção de uma casa de terra e na construção de relações entre si, proporcionando uma oportunidade para a reconstrução das subjetividades envolvidas. A construção que está localizada no interior do município de Encruzilhada do Sul, no Sítio Alvorada, é o palco agora de um novo processo, habitar a casa num coletivo reduzido, intergeracional, potencializado pelos vínculos familiares e as exigências de segurança e convívio social por um tempo indeterminado. Pode-se entender o construir como forma de estudar a relação com o lugar, vivenciá-lo e praticá-lo coletivamente, com a possibilidade interativa de trocar saberes em busca de uma *sustentabilidade radical* (KELLOGG; PETTIGREW, 2008). É conformar um objeto que desempenhe diferentes funções, com possibilidades de moradia, espaço de convívio e encontro de pessoas e ideias, de construção de relações que exigem também novos contornos, pois mais

efetivas e afetivas, onde os sujeitos encontram-se implicados entre si por meio de seus projetos e de um projeto coletivo que os une. Casa Redonda foi instaurada nessa perspectiva como uma prática social em arte, um laboratório em campo aberto com processos complexos e experimentais, sem prazo determinado para começar ou para terminar, dilatando e desacelerando o tempo, sem metas a cumprir, sendo transformado, em alguns aspectos, ao longo do percurso, pela manifestação de desejos e ações dos participantes/colaboradores. Tratam-se de processos complexos, porque foram elaborados de forma colaborativa, envolvendo diferentes pensamentos e pensadores que se reuniram em tempo distendido, no âmbito do acontecimento que rompeu o fluxo contínuo e cronológico, entrelaçando diferentes campos do saber para a construção e habitação de uma casa.

Nessa nova etapa do projeto Casa Redonda emergem possibilidades de estudos e pesquisas relacionadas ao contexto vivido pelo grupo que a habita e faz dela seu laboratório existencial e artístico. Destacam-se os projetos de pesquisa sobre a educação dos sentidos de crianças e adultos por meio do habitar o dispositivo; sobre a importância da literatura infantil como um direito e uma mediação nos processos de letramento e emancipação humana; sobre a produção de alimentos orgânicos e a cozinha criativa; sobre o esmalte de cinzas no vidro cerâmico como experiência estética na utilização de resíduos; todos projetos que reunidos pelo dispositivo Casa Redonda dão forma a vida coletiva, ao habitar essa terra/território recriando as possibilidades de existência desafiando o tempo e os desafios que a espécie enfrenta na relação com a natureza e com os resultados de suas escolhas para o planeta. Esses diferentes projetos constituem essa nova etapa do dispositivo Casa Redonda e buscam dar continuidade

[4] O projeto Casa Redonda iniciou em 2009 estruturado como projeto de extensão universitária, tornando-se em 2014 o objeto de estudo de tese (DAMÉ, 2018). Disponível em <https://5b78a5ebb508-4157-bd53-be09e6b2b956.filesusr.com/ugd/f1cb56_6107ecb7e45040aca8ff5b93391b1e75.pdf>.

e consequência aos princípios e argumentos tratados na Tese de Doutorado (DAMÉ, 2018), onde nos perguntamos sobre o seu potencial artístico e pedagógico.

A Casa, ao ser habitada, assume outras potencialidades, passa a ser um observatório de si própria e do entorno, das relações concretas que se realizam nesse espaço e tempo e do ambiente que também se encontra em movimento, fora, ao mesmo tempo que atravessa as paredes da Casa, tornando-se parte da sua construção e reconstrução. Ela também indica novas possibilidades de existir, como as proposições de cultivo agroecológico de hortas e matas nativas, mas também de uma relação mais crítica e proativa frente aos resíduos da destruição que nos cercam, como as cinzas oriundas do “deserto verde” destinado a produzir celulose e madeira. Mas é, sobretudo, o lugar da autoformação e da troca de experiências, intergeracional, fundamentada nos saberes tradicionais, nas artes e na ciência, com destaque para a educação da sensibilidade, da consequência e de relações mais fortes onde as noções de alteridade e reciprocidade se encontram. Isso nos leva ao que Walter Benjamin denominou de “escovar a história a contrapelo”, para buscar formas mais efetivas de compreender a vida e o viver em grupo, nossa existência. Mas também ao que sugere Hiroshi Seó (1987, p. 29), quando diz em um trecho da *fábula do planeta Mônada*, lição dos irmãos pássaros: “quanto menos a gente tem, mais leve a gente fica, mais alto a gente voa e mais longe a gente vê”. Inspirados na valorização e conhecimento atento do passado, mas também em uma leveza que nos leva mais alto para nos ver desde cima, ou seja, de diversas perspectivas, buscando recuperar a experiência como forma do viver é que vamos tecendo esses projetos em torno de um projeto maior.

Assim, nos afastamos do consumo em demasia, esse que atribui um

peso à existência, visto que nesse sistema a ser superado, todos nós somos considerados e tratados como consumidores. Ainda podemos lembrar as palavras atribuídas a Bill Mollison (1988, p. 7, *tradução nossa*), considerado como um dos pais da permacultura: “A maior mudança que temos que fazer é ir de consumo para produção, mesmo que numa pequena escala em nossos jardins”. Vamos encerrando esse texto/fala com uma perspectiva sobre o artista, entendendo que esse, assim como o educador, não muda o mundo, mas podem contribuir para que o mundo vá se fazendo de outra forma em cada uma de suas ações. Nas palavras de Lucy Lippard (2014, p. 190), “É claro que a arte não pode mudar o mundo sozinha, mas ela é uma aliada digna que desafia o poder com soluções não convencionais”. Nossa existência depende hoje de nossa capacidade de descobrir formas eficazes de resistir às agruras do tempo presente, para sim nos lançarmos em outras utopias, nos reinventando como sujeitos e grupos. Há, de fato, mais para se descobrir do que para inventar. Conforme Nicolas Bourriaud (2009, p. 18), é preciso “[...] aprender a habitar melhor o mundo, em lugar de pretender construí-lo em função de uma ideia preconcebida de evolução histórica”. Em outras palavras, as obras já não se fixam com o objetivo de formar realidades imaginárias ou utópicas, senão que buscam construir modos de existência ou modelos de ação no interior da realidade existente, qualquer que seja a escala escolhida pelo artista ou educador para tratar com tal categoria.

E para que serve a utopia?

Eduardo Galeano (2013, [s.p]), em entrevista, conta-nos que, segundo o cineasta argentino Fernando Birri: “as utopias estão no horizonte e nunca vamos alcançá-las, porque se caminhamos dez passos a utopia se afasta dez passos. - Para que serve então

a utopia? Conclui: - para nos fazer caminhar.”

Nesse momento histórico, o caminhar juntos nunca se fez tão necessário, pois a solidão já nos fez sofrer em demasia, essa que decorre das formas bárbaras de tornar o homem e a mulher e seu trabalho uma mera mercadoria, coisificando as relações sociais, afastando e deprimindo os sujeitos até seu esgotamento. É preciso enfrentar as relações ainda que sejam difíceis, como lembra Sartre (1977), em uma de suas peças onde decreta “O inferno são os outros”. Escrita durante a segunda guerra mundial, a peça nos lembra da complexidade das relações humanas, que uma vez expostas podem revelar o sujeito por aquilo que ele é em suas ações, fazendo algo - mesmo que de forma irrefletida - daquilo que fizeram dele. É nessa direção que escolhemos para finalizar nossa fala com as palavras de Marco Polo em *Cidades Invisíveis* de Ítalo Calvino:

O inferno dos vivos não é algo que será: se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço. (p. 150)

É possível ver ao nosso redor pessoas e grupos preocupados, tomando atitudes em prol da vida e fazendo **resistência** a tudo que se revela de forma terrível, apontando para o sofrimento generalizado e um final precoce da espécie. Como adiar o fim do mundo? (KRENAK, 2019; 2020b) Por isso, lançamos uma provocação a todos vocês com a proposição: “Vamos plantar batatas-doces?” Transformamos essa expressão linguística supostamente ofensiva em algo produtivo, coletivo, criativo e que instaura micro resistências

no cotidiano, nos aproximando e nos ligando novamente a tudo que nos cerca, a fim de estabelecer outras formas de relações com o planeta e com as pessoas, buscando estabelecer não apenas alteridades como reciprocidades nas mesmas.

A arte vinculada à vida, torna as relações e a educação mais leves e verdadeiras, como ressalta Ítalo Calvino (1990b, p. 28) citando o escritor francês Paul Valéry: “É preciso ser leve como o pássaro, e não como a pluma”, pois a intencionalidade e o destino precisam estar no horizonte na forma de utopia que nos puxa. A pluma é levada pelo vento, mas o pássaro faz seus longos percursos de forma coletiva e com suas próprias asas, obedecendo toda a sua experiência e sensibilidade. Que em tempos terríveis como o que vivemos, mostra a todos que o caminho é mais simples do que imaginamos, uma tarefa que é individual, mas que não se faz sozinha. Pois nosso desafio passa a ser o de pegar nossa história na mão e diante do campo de possibilidades realizar escolhas coletivas e responsáveis a fim de restaurar a esperança como possibilidade de futuro.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 1986.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica**, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990b.

DAMÉ, Paulo. **Casa Redonda**. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) Programa de Pós Graduação em Artes Visuais PPGAV – Centro de Artes, Universidade Estadual de Santa Catarina. Florianópolis, p. 242. 2018.

GALEANO, Eduardo. Entrevista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9iqi1oaKvzs>>. Acesso em: 26 set. 2020.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

KELLOGG, S.; PETTIGREW, S. **Toolbox for sustainable city living**. Nova York: Medgar Evers College, 2008.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

_____. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LIPPARD, Lucy. **Undermining**: a wild ride through land use, politics, and art in the changing west. Nova York: The New Press, 2014.

MOLLISON, B. C. **Permaculture**. Tyalgum, Australia: Tagari Publications, 1988.

NÓVOA, António. **As escolas e universidades precisam de novos ambientes educativos**. Palestra UFSC. 2018. Disponível em: <[https://noticias.ufsc.br/2018/08/antonio-novoa-na-ufsc-as-escolas-e-universidades-precisam-de-novos-](https://noticias.ufsc.br/2018/08/antonio-novoa-na-ufsc-as-escolas-e-universidades-precisam-de-novos-ambientes-educativos/)

[ambientes-educativos/](#)>. Acesso em: 20 abr. 2019.

PINTO, Fábio Machado. Existencialismo e sociologia crítica da educação: contribuições dos estudos (auto)biográficos à pesquisa educacional. **Projeto de Pesquisa**. Departamento de Metodologia de Ensino / CED / UFSC, 2019 – 2022.

QUINTANA, Mário. Poeminha do contra. In: QUINTANA, Mário. **Poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **Critique de la raison dialectique**. Paris: Librairie Gallimard, 1960.

_____. **Entre quatro paredes**. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

_____. **Esperança Agora**: entrevistas de 1980. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SEÓ, Hiroshi. **Manual de agricultura natural**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

VAZ, Toninho. **Paulo Leminski**, o bandido que sabia latim. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

WORKMAN, Dion. **Uma introdução ao pensar como uma floresta**. 2014. Disponível em: <<http://files.cargocollective.com/556035/FLORESTA.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2018.